

## Ensinar e aprender: instigações remotas

Gysele da S. Colombo Gomes<sup>1</sup>  
Beatriz dos Santos Damasceno<sup>2</sup>  
Mônica Spitalnik Nathan<sup>3</sup>

### Resumo

Os desafios de ensinar e aprender de forma remota durante a pandemia do Covid 19 trouxeram muitas inquietações levando pouco em consideração as questões de acesso à tecnologia e o baixo letramento digital do professor e do aprendiz. Neste estudo, apresentamos a experiência de três professoras de duas universidades do Estado do Rio de Janeiro que buscaram, por meio do trabalho pelo desenvolvimento mútuo sob a luz dos princípios da Prática Exploratória (ALLWRIGHT, 1991; 2003; 2005; ALWRIGHT; HANKS, 2009; MILLER, 2001; 2007; 2010; COLOMBO GOMES; MILLER, no prelo) fomentar a resiliência em sua práxis no Ensino Remoto Emergencial (ERE) no ensino de línguas. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa e cunho etnográfico (SEVERINO, 2015; DENZIN; LINCOLN, 2006), cujo aporte teórico concentra-se nos

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras Português- Inglês pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1990), mestrado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006) e é doutora em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2014). Concluiu o pós-doutorado na Universidade Federal de Viçosa desenvolvendo estudos sobre a Zona de Conforto e Emoções no ensino de língua estrangeira (2020-2021). É professora adjunta da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: tendências e abordagens no ensino de línguas estrangeira; o aprendiz e zona de conforto; conscientização das competências do professor de LE; ensino-aprendizagem, crenças, emoções, interação e autonomia na sala de aula: discurso e práticas sociais; alinhamentos, identidades e trabalhos da face; letramento multiculturais; reflexão, entendimentos e Prática Exploratória. É líder do grupo de Linguagem & Sociedade, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, membro do grupo de Crenças e Emoções (UFV) e, também, do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Prática Exploratória da FFP - UERJ.

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com Pós-doutorado pela UFMG, Mestre em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com Especialização em Literatura infanto-juvenil pela UFF. É professora do Departamento de Letras da PUC - Rio e da SEEDUC do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Língua Portuguesa, e a sua atuação acadêmica incide, prioritariamente, sobre os temas: leitura, escrita, memória. Atua como docente coordenadora no Subprojeto de Língua Portuguesa de Residência Pedagógica da PUC - Rio.

<sup>3</sup> Professora Adjunta do Depto de Letras da PUC-Rio (Cadeira de Inglês). Possui graduação em Psicologia pela Universidade Gama Filho (1985), especialização em psicodiagnóstico pelo Instituto Fernandes Figueira (FIOCRUZ) graduação em Complementação Pedagógica - Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1992), graduação em Nancy - Aliança Francesa - Delegação Geral (1984), Mestrado em Interdisciplinar Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1996) e Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2004). Título da tese de doutorado: Conflitos em sala de aula Foi Coordenadora e Professora de Inglês -The Scole (ex- Britannia Juniors). É Professora de Inglês no IPEL-Línguas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Professora da Especialização de Língua Inglesa - Módulo Spoken Discourse da PUC-Rio. Tem experiência na área de Linguística Aplicada, Sociolinguística, atuando principalmente nos seguintes temas: conflitos em sala de aula, enquadres interacionais, afeto- sociolinguística interacional, alinhamentos e paradoxos comunicativos.

estudos do propiciamentos (GIBSON, 1986; PAIVA, 2010) e emoções (MATURANA, 1998; ARAGÃO, 2007; SO, 2005). Participaram desta investigação três professoras formadoras, dois professores egressos da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e dois licenciandos do curso de Letras da PUC-Rio. Os resultados revelam que o ambiente de aprendizado é envolvido por construções afetivas e não por construções de alvenarias, além de evidenciar trocas e desenvolvimentos afetivos no ambiente exclusivamente *on line*.

**Palavras-chaves:** pandemia; tecnologia; Prática Exploratória

### Abstract

The challenges of online education for both teachers and learners during the Covid-19 pandemic have raised many concerns related to issues like technology shortage and low digital literacy. We present a study of the experience of three language professors from two universities in the State of Rio de Janeiro who have aimed to work for mutual development, a principle within the Exploratory Practice Framework (ALLWRIGHT, 1991; 2003; 2005; ALWRIGHT; HANKS, 2009; MILLER, 2001; 2007; 2010; COLOMBO GOMES; MILLER, in press). By working for mutual development in their modes of practice, these professors have fostered their resilience while teaching during the Emergency Remote Teaching (ERT). We have conducted a qualitative study of ethnographic nature (SEVERINO, 2015; DENZIN; LINCOLN, 2006), based on the theory of affordance in education (GIBSON, 1986; PAIVA, 2010), and emotions (MATURANA, 1998; ARAGÃO, 2007; SO, 2005). The participants of the study were three university practitioners, two teachers who had just graduated from the Faculty of Letters at UERJ and two undergraduate students from the Licentiate program of Letters at PUC-Rio. The results have indicated that the learning environment is encircled by affective constructions, instead of by brickwork constructions. In addition, it shows that affective and developmental exchanges may take place exclusively in the *online* environment.

**Key-words:** pandemic, technology, Exploratory Practice

Com a certeza de que escola já não é o “depósito do verdadeiro conhecimento” que deve ser transferido para os alunos, as universidades têm sido desafiadas a formar professores cada vez mais conscientes de seu papel social e político. Imbuídos do desejo de entender e questionar seus aprendizados e suas práticas que os cursos de licenciaturas em Letras da PUC-Rio e da FFP- UERJ vêm trabalhando em parceria há alguns anos, somando trocas e experiências muito ricas que impactam na atuação de professores nas escolas públicas e privadas, em cursos de idiomas e preparatórios do Estado do Rio de Janeiro. Tal parceria é fruto do engajamento de professores do grupo de estudos

investigativos da Prática Exploratória, que contribui para a formação de profissionais questionadores, preocupados com a qualidade do seu trabalho e com a qualidade de vida na sala de aula.

Somos conscientes ainda de que imbricados à qualidade de trabalho e de vida em sala de aula encontram-se as emoções, que, conforme nos aponta Zembylas (2021), surgiram e reapareceram na teoria e na prática educacional nas últimas décadas por meio de uma variedade de lentes teóricas.

Durante os anos 2020 e 2021, entretanto, devido à pandemia causada pelo vírus COVID-19, fomos profundamente impactadas por efeitos coletivos da doença viral e nós, como professoras formadoras da UERJ e PUC-Rio, conseqüentemente envolvidas, engajamo-nos em valorizar ainda mais o entendimento sobre vida na sala de aula, que se tornou exclusivamente remota e repleta de emoções como medo, insegurança, incertezas que poderiam dificultar a aprendizagem.

A adoção das novas tecnologias já era pauta para a educação, entretanto, nesse momento específico não era apenas aprender usando esses novos recursos, era usá-los para ensinar, aprender e, principalmente, reestabelecer os vínculos. Professores e alunos mergulharam desajeitados e inseguros nas Plataformas digitais em busca da manutenção do convívio, desafiando o tempo, o espaço, e a falta de habilidade porque o momento era de urgência.

Escolas e universidades necessitaram trocar ainda mais experiências, dividir os medos e inseguranças, apostar para além das nomenclaturas engessadas e rígidas das “grades”, “disciplinas” e “currículos” e focar na escuta, na atenção e na qualidade de vida de todos os envolvidos no novo ambiente escolar imposto. Não foi e não está sendo fácil, muitos alunos evadiram, muitos educadores ficaram doentes, muitos não conseguiram acompanhar o processo educativo, mas há também muita experiência proveitosa para contar. A atuação das escolas e universidades para manter o vínculo com a comunidade; o enfrentamento às dificuldades socioeconômicas e as práticas desenvolvidas com as novas ferramentas tecnológicas precisam se transformar em poderosos

e embasados relatos, depoimentos, estudos, ensaios e artigos para que fique registrada a resistência em tempos pandêmicos.

Por isso, buscamos compreender como o trabalho para promover entendimentos pode garantir uma aprendizagem mútua, dinâmica e contínua durante o primeiro período pandêmico. Fomos inicialmente instigadas por três questões advindas de nossos encontros exploratórios com licenciandos e professores em formação inicial e continuada conosco:

- 1- No universo de uma sala de aula em modelo remoto, como tornar atrativa uma apresentação em Ppt -um dos programas mais utilizados - para os alunos e por quê?
- 2- Por que os alunos querem esquecer o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira? E como trabalhar esse processo de aprendizagem por meio do das ferramentas tecnológicas?
- 3- Qual o papel do propiciamento e das emoções na aprendizagem da língua inglesa com alunos no período remoto?

Diante dessas questões instigantes do grupo, como professoras alinhadas com a Prática Exploratória, surgiram nossas questões de pesquisa: **De que forma as emoções e os propiciamentos de nossa prática podem impactar a aprendizagem de nossos alunos durante a pandemia do COVID 19? Por quê? Como a Prática Exploratória pode contribuir para o gerenciamento de emoções e a promoção de propiciamentos?** Assim, estabelecemos também, como propósito deste artigo, compartilhar uma de nossas experiências nascidas do diálogo efetivo entre universidades e espaços diversos de aprendizagem, que gravitou em torno de nossa reflexão e interesse em fazer emergir inteligibilidades sobre o que fazemos em nossas aulas e encontros por meio da linguagem, como prática discursiva. Afinal, é por meio da linguagem produzida nas interações sociais que nós, interactantes ou atores sociais, criamos nossas concepções de realidade social, bem como podemos ser situadas nos contextos em que estamos inseridas, bem como podemos ser situadas nos contextos em que estamos inseridas.

Para responder às nossas questões de pesquisa, nossos *puzzles*, traçamos três objetivos: (i) Refletir sobre a relação entre linguagem e emoções a partir das asserções dos professores em formação inicial ou continuada construídas nas reuniões do grupo de Prática Exploratória que se reunia para apresentação do CLAFPL 2021; (ii) Investigar como a reflexão sobre as emoções e a postura podem contribuir para o desenvolvimento mútuo; e (iii) Entender como os propiciamentos são resultados das oportunidades de aprendizagem (ALLWRIGHT, 2003; 2005) orquestradas pelas professoras formadoras.

O artigo foi organizado em seis seções subsequentes. Na primeira delas, à guisa de orientar o leitor sobre nosso perfil investigativo, traçamos um breve histórico acerca da Prática Exploratória (ALWWRIGHT, anos; GIEVE; MILLER, 2006; MILLER, anos; COLOMBO GOMES; MILLER, no prelo). Estabelecemos, na segunda seção, o arcabouço teórico que alicerça a presente investigação. Na terceira seção, tratando do contexto e dos participantes, discorremos sobre o trabalho realizado pelo grupo da Prática Exploratória da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e pelas oficinas desenvolvidas na PUC-Rio. Na quarta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos de geração de dados e os estudos progressos que justificam nosso interesse em gerar entendimentos sobre questões apontadas nos objetivos do presente estudo. Na quinta seção dedicamo-nos à exposição de nossas experiências e à discussão acerca dos temas que emergem nas experiências relatadas. Por último, na sexta seção, tecemos nossos comentários acerca dos entendimentos gerados no estudo, bem como apontamos os desafios que enfrentamos e as conquistas que alcançamos.

## **1 A Prática Exploratória (PE)– uma maneira inesgotável de associar a pesquisa à práxis valorizando agentividade, pertencimento e emoções.**

Conforme Miller (2012, p. 319-320) tão bem esclarece, a Prática Exploratória se apresenta como um trabalho investigativo que é desenvolvido por praticantes em ambientes pedagógicos ou em outros contextos. Para os que não conhecem essa proposta inusitada, faz-se importante esclarecer que se trata de uma forma sustentável de professores e seus alunos trabalharem para

entender suas questões locais ao mesmo tempo em que os processos de ensino-aprendizagem estão acontecendo. Allwright (2003) propõe sete princípios ético-filosóficos da Prática Exploratória. Esses princípios têm sido refinados pelos integrantes do Grupo de Prática Exploratória, de forma que se entenda o fazer da Prática Exploratória como uma modalidade de pesquisa do praticante. Recentemente, Colombo Gomes e Miller (no prelo) os elencam sem estabelecer uma ordem de importância, pois todos são igualmente valorosos: (i) priorizar o entendimento acerca da natureza ou qualidade de vida em sala de aula; (ii) trabalhar para união de todos; (iii) trabalhar para entender a vida na sala de aula; (iv) trabalhar também para o desenvolvimento mútuo; (v) fazer com que o trabalho seja contínuo e não uma atividade dentro de um projeto; (vi) a fim de evitar que o trabalho esgote seus participantes, integrar este trabalho para o entendimento com as práticas da sala de aula; e (vii) envolver a todos neste trabalho.

Um dos princípios ao qual nos atermos é o de trabalhar para o desenvolvimento mútuo. Assim, tendemos a ouvir de forma sensível e ler de forma atenta as mensagens nas entrelinhas do discurso dos participantes do processo ensino-aprendizagem. Ademais, coadunamo-nos com as autoras supracitadas que sustentam que:

Na medida em que somos praticantes exploratórias, em nosso trabalho pedagógico buscamos oferecer a nossos alunos a oportunidade de se tornarem cidadãos portadores de conhecimento e coragem para lutarem por seus direitos, sem desespero, sem “ofertar” uma solução, mas a compreensão e/ou o entendimento para enfrentar as adversidades que surgem em nossas salas de aula. (COLOMBO GOMES; MILLER, no prelo)

Comungamos com a forma como Allwright e Hanks (2009) sistematizam e enfatizam a conceituação de alunos e professores como aprendizes. Segundo esses estudiosos, como aprendizes em um *continuum*, alunos e professores são pessoas em constantes processos de aprendizagem (ibidem), pois são indivíduos únicos que aprendem e se desenvolvem melhor da sua própria maneira; são seres sociais que aprendem e se desenvolvem melhor em um ambiente de apoio mútuo; são capazes de levar sua aprendizagem a sério, de

tomar suas decisões de forma independente e de se desenvolver como praticantes de aprendizagem.

Por último, destacamos que a Prática Exploratória não trata de ‘resolver’ conflitos ou de ‘melhorar’ as relações interpessoais, mas, dialoga a respeito delas. Além disso, o efeito discursivo de formular uma questão instigante (*puzzle*) com ‘por que’ em oposição a se perguntar ‘como resolver’ algum aspecto que incomoda é uma de suas principais características. Na perspectiva da Prática Exploratória, o foco está, sempre, no ‘trabalho para entender’ (cf. *work for understanding*, Allwright, 2003) e, em nosso trabalho ‘entender’ foi uma forma de aprender a conviver com a pandemia.

## **2 - Sob as lentes da teoria das emoções e dos propiciamentos (*affordance*)**

Em nossas experiências como docentes, observamos o quão repletas de “emoções” e “propiciamentos” estão nossas salas de aula. Na verdade, buscamos aqui demonstrar o elo entre esses construtos e nosso trabalho; por isso, nesta seção, discutiremos brevemente sobre esses construtos para fornecer ao leitor esclarecimento sobre como são entendidas as emoções neste estudo e de que forma propiciamentos podem impactar a sala de aula.

Inicialmente, faz-se necessário esclarecer que comungamos da ideia de que ensinar e aprender são atividades que demandam do professor conhecimento acerca de suas emoções e crenças. Acreditamos também, assim como Aragão (2007), que as emoções e as reflexões modulam as interações na sala de aula. Conforme Zembylas (2021) tão recentemente nos informa, as emoções surgiram e reapareceram na teoria e na prática educacional nas últimas décadas por meio de uma variedade de lentes teóricas. Entretanto, observa-se que as emoções são frequentemente negligenciadas em relação à razão: são consideradas inferiores, femininas e frágeis, capazes de atrapalhar o cerne do entendimento e do aprendizado. Numa perspectiva kantiana, as emoções não são uma fonte de conhecimento moral e não servem de critério para a tomada de decisões sobre o que é o correto a ser feito.

Não obstante, como Barcelos (2015) destaca, diversos autores começaram recentemente a enfatizar a inseparabilidade da razão e da emoção e o papel central na aprendizagem, de línguas em especial. Em nosso caso, a concepção de emoções que sustenta nossa análise está alinhada às visões de três autores: do biólogo Humberto Maturana, do linguísta aplicado Rodrigo Aragão e o pesquisador D. So.

Para Maturana (1998), emoções são disposições corporais que especificam domínios de ação; para Aragão (2007), são disposições corporais para ações situadas que representam uma variedade de formas de agir em relação à dinâmica do meio; e para So (2005), são fenômenos psicológicos complexos e multifacetados que são frequentemente gerados, desdobrados, e mudados por meio múltiplos efeitos recursivos. Diante da perspectiva do ensino remoto durante a pandemia, adotamos a definição de emoções como “disposições corporais que resultam de ações que provocam múltiplos efeitos em indivíduos que atuam em espaço ou contexto virtual”.

No que tange ao conceito propiciamentos, baseamo-nos na visão do sistema ecológico de aprendizagem (PAIVA, 2009), também conhecido como *affordance* (VAN LIER, 2000) para entendermos como esses conceitos se fazem presentes em nossas salas de aula.

O termo, cunhado por Gibson (1986) a partir do verbo de afford (produzir, fornecer, proporcionar), teve origem nos estudos sobre ecologia (relação de um organismo com o meio). Van Lier (2000) conceituou *affordance* como “algo com potencial para a ação e que emerge quando interagimos com o mundo físico e social. As precondições para que o significado emergja são ação, percepção e interpretação em um ciclo contínuo de reforço mútuo”.

No que se refere à aprendizagem de uma segunda língua, o propiciamento delimita como é a relação do aluno com essa língua e a forma como ele a entende, como a usa e seu aprendizado. Destacamos que existem diferentes propiciamentos. Quando transportado para relações diversas, dentre elas a relação do aluno com a aprendizagem de uma segunda língua, esses diferentes propiciamentos variarão de acordo com o contexto em que o aprendiz estiver

inserido e quais sejam as suas motivações, tais como: a imersão na língua - quando o aluno vive no local que se fala a língua a ser aprendida e, dessa forma, tem contato 24h por dia com o idioma, a sala de aula - quando o aluno estuda um outro idioma apenas algumas horas por semana e, por isso, precisa também procurar meios de promover os seus próprios propiciamentos, o autodidatismo - quando o aluno procura meios de aprender sozinho e, dessa forma, tem contatos diferentes e em horários aleatórios com o idioma a ser aprendido.

### **3 - O trabalho da Prática Exploratória em contextos múltiplos na pandemia: a universidade, a escola, o curso de idiomas – caracterização e problematização de questões**

No que tange aos estudos da Prática Exploratória, tanto a licenciatura em Letras da PUC-Rio quanto a da FFP-UERJ têm encontrado êxito em sua postura reflexiva e investigativa, cuja característica fulcral é a transformação da sala de aula e a prática pedagógica em campos de pesquisa inesgotáveis.

#### **3.1- A Faculdade de Formação de Professores e o NEPPE – o trabalho contínuo durante e após a graduação**

Desde o ano de 2016, a linha de pesquisa 2 (Ensino e aprendizagem reflexivos de línguas), do Núcleo de Estudos e Pesquisa de Prática Exploratória (NEPPE) da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, recebe a participação, além das professoras pesquisadoras, de alunos de graduação e orientandos do PIBIC (Programa de bolsas de iniciação científica), do ID (Iniciação à Docência) e da Especialização. Com os objetivos de (i) investigar práticas de ensinar-aprender línguas em diferentes níveis de ensino e contextos; (ii) construir entendimentos sobre processos de letramentos (crítico e acadêmico) a partir de uma visão de língua enquanto discurso e ação social; (iii) analisar o papel sociodiscursivo na construção de identidades; (iv) problematizar o lugar da sala de aula e as práticas ali desenvolvidas para a construção de entendimentos acerca da qualidade de vida por meio do envolvimento de todos os participantes no processo.

Excepcionalmente, no ano de 2020, marco inicial da crise pandêmica mundial, um grupo de egressos do curso de Letras (port./inglês) buscou apoio da professora Gysele Colombo nos encontros de orientação de trabalhos ancorados nos estudos da Prática Exploratória. Dois desses egressos alegavam ter inquietações em relação às mudanças que sofreram com as medidas de distanciamento e “o novo normal”, o ensino remoto, que foi abruptamente adotado em virtude da impossibilidade de oferta de aulas presenciais. Nesse período, o NEPPE passa a atuar em uma nova perspectiva, que é a de problematizar com egressos o lugar da sala de aula e as práticas ali desenvolvidas para a construção de entendimentos acerca da qualidade de vida por meio do envolvimento de todos os participantes no processo.

### 3.2- As oficinas da PUC-Rio

O programa curricular das licenciaturas monolíngues e bilíngues na graduação de Letras da PUC-Rio oferece 4 oficinas listadas a seguir: 1) Linguagem oral e escrita; 2) Interação e ensino em sala de aula; 3) Tecnologia no ensino e aprendizagem; e 4) Criação de materiais didáticos. Para o espaço das “Oficinas” são levadas as inquietações, as experiências, os “ruídos” que precisam ser escutados e observados a respeito do ensino-aprendizagem. Nesse ambiente privilegiado, a prática pedagógica é objeto de pesquisa e dela retira-se material investigativo, com o objetivo exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática.

No semestre 2021.1, por razões da pandemia, as oficinas tornaram-se espaço ainda mais instigante e rico para refletir sobre diferentes abordagens e experimentar novas ferramentas tecnológicas. Durante todo o curso, os alunos foram provocados a levar para a Oficina suas experiências com o ensino e a tecnologia, a fim de desenvolver um planejamento crítico de utilização de tecnologias como ferramentas para contribuir na qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

Temas referentes à Educação híbrida - *Blended Learning* - e ao papel dos estudantes e professores nos diferentes modelos da educação híbrida são

recorrentes na Oficina II, entretanto, nunca fizeram tanto sentido como no momento de pandemia. Além disso, as ferramentas tecnológicas como WhatsApps, Blogs, fóruns de discussão, podcasts, TED Talks, revistas online, YouTube, gaming apps e suas possibilidades pedagógicas ganharam mais sentido à medida que se tornaram as principais mediadoras da relação entre professor, aluno e comunidade escolar.

Na Oficina, também foram constantes as reflexões sobre o uso da tecnologia no ensino-aprendizagem procurando entender os pontos positivos (novos espaços de interação, sites interessantes e ricos de conteúdo) e os pontos negativos (Fake News, Plágio). Os licenciandos apresentaram e analisaram situações reais da potencialidade das redes sociais, reconhecendo os princípios e as práticas do ensino-aprendizagem em ambientes virtuais de aprendizagem.

### **3.3 Os contextos múltiplos irradiados pela Prática Exploratória : a escola regular, o pré-vestibular e o curso de idiomas.**

Ivana e Victor eram professores em duas escolas privadas distintas, situadas no município de São Gonçalo, cidade reconhecida como “dormitório” devido ao grande número de habitantes que retornavam para casa apenas à noite, após um dia de trabalho, para dormir. Ambos trabalhavam com as mesmas séries escolares e para ambos, a transição abrupta de aulas presenciais para o ensino remoto foi não planejada. Esses professores, habituados ao constante estado reflexivo adquirido durante seu período de graduação com o contato com a PE, entendiam que tal fato levou um grande número de professores sem treinamento, sem equipamentos (computadores, scanners, celulares) ou conexão de internet e um número maior ainda de alunos sem tais recursos a uma profunda desestabilização em suas salas de aula. Sentiam também a instigante necessidade de buscar entendimentos acerca do que estava acontecendo para o seu próprio desenvolvimento e o de seus alunos.

Os cursos de idiomas têm seus métodos e estratégias e buscam dar aos alunos fluência na língua e conhecimento das culturas, artes e hábitos dos

países que falam o inglês. Para o professor que chega ao curso, vale conhecer bem o método específico para se sentir confortável com a forma de ensinar. Entretanto, para os professores que se preocupam com a qualidade de vida em sala de aula, já fisgados pelas leituras dos princípios da PE, a maneira de estar e trocar com os alunos, no sentido de promover um ambiente propício para o aprendizado, torna-se tão ou mais importante do que a aplicação de quaisquer metodologias. Com a brusca interrupção das aulas presenciais e a imposição do ensino remoto, Luiz Felipe ficou atento para as possibilidades de uso das ferramentas tecnológicas para continuar desenvolvendo com os alunos essa capacidade de trabalho dinâmico e envolvente.

Os cursos pré-vestibulares são bem conhecidos pela sociedade. Eles têm a meta de aprovar os estudantes nos mais variados e concorridos concursos para as universidades, em especial o ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio. Por terem tamanha responsabilidade, muitas vezes focam em exaustivos exercícios, fórmulas, dicas e receitas para o melhor aproveitamento dos alunos nos exames. Para Matheus, entretanto, o ensino de técnicas sem envolvimento não surtia efeito na escrita de boas redações, principalmente em uma sala de aula em modo remoto, sem participação efetiva dos alunos. Foi a partir dessa sua inquietação que Matheus resolveu desenvolver aulas em que os seus alunos fossem praticantes de seu aprendizado por meio das ferramentas tecnológicas.

Muitos licenciandos do curso de Letras/bilíngue – Português-inglês – da PUC-Rio e da FFP- UERJ ministram aulas particulares em seus contraturnos. Foi desta construção que o licenciando Felipe procurou desenvolver, no espaço remoto, a convivência e a elaboração de tarefas em que os estudantes procurassem compreender seu próprio processo de aprendizagem.

#### **4 Procedimentos metodológicos**

Este estudo se trata de uma pesquisa qualitativa e de cunho etnográfico (SEVERINO, 2015; DENZIN; LINCOLN, 2006) por apresentar um enfoque na busca pela reciprocidade de ideias para a construção do conhecimento, “ressaltando a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação

entre o pesquisador e o que é estudado e as limitações situacionais que limitam a investigação.” (Denzin e Lincoln, 2006, p. 23).

Os procedimentos aconteceram em três fases. Na primeira delas, foi realizado um levantamento de trabalhos pregressos. Após o levantamento, as experiências vivenciadas pelas professoras, que compõem os dados gerados em encontros com participantes do grupo de Prática Exploratória durante o segundo semestre de 2020 e o ano de 2021, foram apresentadas. Na última fase, encontram-se a categorização e o agrupamento dos temas que surgem nas experiências e nos trabalhos pregressos.

Em conformidade com Severino (2015), a análise temática busca ouvir o autor sem intervir no conteúdo do tema. Em primeiro lugar busca-se saber do que trata o texto, em nosso caso as falas nas interações dos encontros exploratórios nas plataformas RNP e Zoom e nas conversas do grupo via Whatsapp. A resposta a esta indagação (do que fala esse excerto?) revela o tema da unidade ou grupo. Após a problematização dos temas e verificação das questões instigantes para nós, professores formadores e professores em formação, foram criados os *puzzles* do grupo. A busca pelas respostas aos *puzzles* foi realizada na contemplação das experiências de cada grupo, em discussões entre as três professoras e os professores em formação inicial (Matheus e Luiz Felipe) e continuada (Ivana e Victor).

#### 4.1 Levantamento de trabalhos pregressos

Uma vez que a pandemia, além de ter afetado nossas aulas e vidas, tornou-se um tema de interesse público e acadêmico, julgamos relevantes investigar se algumas experiências recém-reportadas se alinhavam às nossas experiências exploratórias. Por isso, precedendo a categorização dos dados, foi realizado um levantamento de trabalhos publicados no Brasil entre os anos de 2020-2021 que versavam sobre os impactos sociais e emocionais sobre o processo de ensino-aprendizagem gerados na pandemia. A pesquisa se deu em 5 frentes, a saber: 1) no acervo de periódicos eletrônicos da biblioteca virtual da PUC-Rio (<https://testaremoto.dbd.puc-rio.br/sitenovo/area-restrita.php?a=1>) onde foram

selecionadas revistas na área da linguística aplicada<sup>4</sup>; 2) no site do Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada da PUC-SP (LAEL) <http://corpuslg.org/alunoslael/>, que disponibiliza uma lista de revistas nacionais das áreas de Linguística, Linguística Aplicada e Literatura<sup>5</sup>; 3) no site REDIB (<https://redib.org/?lng=pt>), que proporciona periódicos sobre a temática da educação e tecnologia<sup>6</sup>; 4) no site da UFRJ que possibilita o acesso à revista: Indisciplina em Linguística Aplicada (<https://revistas.ufrj.br/index.php/rila>); e 5) na Plataforma Espaço Digital <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/74347>, que contêm e-books e revistas sobre Educação. O levantamento de artigos sobre a temática investigada se deu entre os meses de setembro e dezembro de 2021. Foram encontrados os seguintes grupos de artigos: a) com foco nas emoções do professor na educação à distância, b) com foco nas emoções do aluno na educação à distância e c) com foco nas emoções do professor de ensino de línguas.

## 5 A convergência das experiências para o desenvolvimento mútuo

Nesta seção, inicialmente, descrevemos a experiência de 3 professoras de nível superior em suas aulas na graduação e no grupo de pesquisa. Em seguida, discorreremos sobre como essas experiências se integram e se transformam em um novo *puzzle*: **De que forma as emoções e os propiciamentos de nossa prática podem impactar a aprendizagem de nossos alunos? Por quê?**

Como praticantes exploratórios, sabemos que há uma preocupação incondicional e inapelável com questões que envolvam ensinar e aprender. Devido à abrupta ruptura entre a sala de aula presencial e o tipo de interação professor-aluno causada pela pandemia, surgiu a necessidade de buscarmos

---

<sup>4</sup> 1) Revista Brasileira de Linguística Aplicada (UFMG); 2) DELTA (PUC-SP); 3) Intercâmbio (PUC-SP); 4) The ESpecialist (PUC-SP); 5) Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso; 6) Linguagem em (Dis)curso (Universidade do Sul de Santa Catarina) e 7) Veredas: Revista de Estudos Linguísticos (UFJF).

<sup>5</sup> Texto livre: Linguagem e Tecnologia.

<sup>6</sup> 1) Revista ID on Line. Revista Multidisciplinar e de Psicologia; 2) Revista Research, Society and Development.

entendimentos sobre este, até então, “novo normal”. Durante os meses de agosto, setembro e outubro de 2020, foram realizadas sessões de discussões conduzidas em encontros virtuais de um subgrupo do NEPPE (Núcleo de Estudos e Pesquisa de Prática Exploratória) da Faculdade de Formação de Professores. As indagações dos membros do subgrupo, a professora Gysele e os professores em formação continuada (Ivana e Victor) perpassavam a influência do meio (VAN LIER, 2000) nesse novo ambiente de aprendizagem, bem como examinam de que forma as emoções (MATURANA, 1998) poderiam contribuir nas experiências de aprendizagem de alunos e professores de inglês como língua franca, além dos impactos na autoestima (DOURADO; SPERB, 2002) e ansiedade de aprendentes de duas turmas de duas escolas regulares de São Gonçalo.

Nos encontros semanais anteriormente mencionados, eram planejadas propostas de atividades que, sem fugir da proposta pedagógica e da agenda didática, investigariam questões relacionadas às práticas pedagógicas de Ivana e Victor que nesse período trabalhavam com os alunos de duas turmas de Ensino Fundamental II de duas escolas particulares gonçalenses. Foi formulado o seguinte puzzle: “Qual o papel do propiciamento e das emoções na aprendizagem da língua inglesa com alunos no período remoto?”

Como proposta para as atividades com os alunos das turmas regulares foram organizadas Atividades com Potencial Exploratório<sup>7</sup> com as quais foram desenvolvidos microcontos que contivessem uma especificidade de formato e também de histórias muito diferentes que, ao mesmo tempo, apresentassem diversos pontos em comum entre algumas ou entre todas elas. Com o processo de geração dos microcontos foram criadas oportunidades de aprendizagem<sup>8</sup> para que os participantes expressassem suas emoções e valores em relação à aprendizagem de língua estrangeira e seu desempenho durante a pandemia.

---

<sup>7</sup> APPE – Atividades Pedagógicas com Potencial Exploratório (COLOMBO GOMES; MILLER, no prelo; MILLER, 2007)

<sup>8</sup> Oportunidade de aprendizagem – do original “*learning opportunities*” em conformidade com os estudos da Prática Exploratória.

Nos 17 contos criados individualmente ou em duplas, foi observada a incidência de quatro grupos principais que apresentavam temas como: a) dificuldades de aprendizagem; b) crenças; c) emoções positivas e negativas; e d) presença ou ausência de propiciamentos. Não obstante, nos debruçamos posteriormente sobre os temas voltados às emoções e ao propiciamento (ausência ou presença).

No que tange às emoções negativas, evidenciadas com o uso de substantivos como “inferno” e “pressão”, foram encontradas cerca de 16 ocorrências em 14 dos microcontos analisados, seguidos da reincidência dos adjetivos “abalada” e “triste” em seis histórias. Essas ocorrências demonstram que a pandemia promovia para esses aprendentes influenciadores negativos para autoestima, prejudicando o desempenho dos aprendentes. Nas interações encontramos o uso de intensificadores como “muito” e “pra caramba” repetidamente precedendo ou seguindo palavras como “difícil” e “chato” nos microcontos. Isso nos sinalizou que o ambiente virtual era um obstáculo real, negativo e desafiador para alguns dos estudantes.

Vale destacar que, ainda que no planejamento de Ivana, Victor e Gysele para entendimento não tivesse sido programado para analisar nada além dos microcontos e de suas elocubrações nos encontros exploratórios, foram encontrados nas mensagens de Whatsapp do grupo traços de emoções positivas (MATURANA, 1998). Foi evidenciado, dessa forma, que nesse novo ambiente em que os aprendentes se sentiam à vontade para buscar apoio quer seja pelo professor, quer seja pelos colegas. Percebe-se a motivação para a ajuda e desenvolvimento mútuo por meio da interação com o professor, como encontrado na conversa de 16 de setembro de 2020 com um aprendiz: que se refere a Victor dessa forma: “ele fala, explica e é legal” “a diversão está entre nós”. Ainda sobre as conversas de Whatsapp, o saudosismo expresso pelos participantes ao lembrarem das aulas presenciais com emoções positivas apontam o desejo de retorno, que é associado à emoção ansiedade. Como vemos em seguida:

From \_\_\_\_\_ to Me: (Privately)  
eu achei que fosse legal com todo mundo que eu conheço mas não. é com todas as unidades com professores que eu não conheço mas estou me acostumando :)

A ansiedade, como emoção, foi nesse caso um conjunto de diferenças individuais relativamente estáveis em relação à percepção de diversas situações de estímulo como ameaçadoras. Em algumas interações é possível perceber que se por um lado há a ansiedade do aluno de voltar a escola, há também a consciência do perigo que a volta pode promover, como demonstrado no excerto abaixo:

Estou me sentido mal por isso tudo estar acontecendo, quero muito voltar a escola mas sei que ainda vai demora a pandemia e uma doença que se espalhou pelo mundo inteiro isso é muito triste porque as autoridades não conseguiram manter só na China e isso acabou se espalhando para todo o mundo.

Dentre os exemplos mencionados na experiência da professora Gysele, há uma grande tensão entre as incertezas em como ajudar os aprendizes e os professores a encontrar caminhos que gerem propiciamentos aos professores e aos alunos em relação ao processo de ensino aprendizagem. Entretanto, a forma como Ivana e Victor entendiam o momento da pandemia, bem como a habilidade de usar o que ensinavam e aprendiam numa troca que ia além do ensino puramente didático de um ponto gramatical ou semântico, acabou por ser o caminho de resistirem às incertezas da pandemia.

Foi nas trocas de mensagens via *Whatsapp* e nas oportunidades de dar voz aos alunos por meio da elaboração dos micro contos, que fogem à tradição de ensino de gêneros, que se tornou possível atender às demandas exigidas por esse novo momento: readaptando os planos de aula; renovando o interesse dos alunos trazendo os problemas dos alunos à vivência escolar como uma alternativa de trabalho para a sustentabilidade e desenvolvimento mútuo, em que o professor se sente instigado a tratar de questões da própria comunidade.

Nas oficinas da PUC-Rio, com o desafio da escola pelo ensino remoto, os graduandos traziam as inquietações dos estágios, dos cursos, das escolas em

que trabalhavam, aqui ilustradas nas experiências dos alunos Luiz Felipe e Matheus, da Oficina II – com ênfase em Tecnologia e ensino, em 2021.1.

No primeiro deles, o licenciando Matheus ministra a disciplina de Redação com foco mais específico para o ENEM em um curso preparatório para vestibulares. Na Oficina, o aluno relatou sua frustração com a dificuldade de os alunos entenderem tema, introdução, argumentação, conclusão, enfim, etapas importantes para um bom texto e que fazem parte do Programa do curso. Além disso, mostrou a sua inquietação com um recurso ainda mais usado no ensino remoto: o Programa PowerPoint. Para ele, a monotonia das apresentações de conteúdo por meio dos slides do programa não ajudava os alunos, que pareciam entender durante as explicações, mas isso não se comprovava quando elaboravam seus próprios textos. Suas inquietações eram: **“Como o ppt pode ajudar os alunos a entender as etapas de uma boa redação?”** e **“Como tornar atrativa e, principalmente, interativa uma apresentação em ppt para os alunos de maneira a estimulá-los à escrita de textos?”** Empenhado naquele desafio, resolveu incrementar o uso do ppt e mostrou para a turma as possibilidades que descobriu com o Programa, pelo qual conseguiu criar um jogo interativo para apresentação do conteúdo. Por meio da criação de um jogo, utilizando personagens de conhecimento dos alunos (o personagem Mário, por exemplo), o graduando constatou que os alunos, a partir da interação com os colegas, entendiam as técnicas de Redação pois sentiam interesse em entender e identificar os parágrafos, participando ativamente e de maneira lúdica. Com esse trabalho, ele conseguiu perceber uma melhora significativa na produção dos novos textos, com redações melhor elaboradas, mais claras e de acordo com o tema solicitado e partilhou sua bem-sucedida experiência com o programa PPT por meio de um pequeno treinamento dentro da própria Oficina.

Outra discussão importante da Oficina foi a partir da questão instigante trazida pelo aluno Luiz Felipe: **Por que os alunos querem esquecer o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira?** Esse questionamento nos proporcionou um debate sobre os preconceitos e as exigências descabidas de quem procura se comunicar em uma segunda língua.

O licenciando percebeu que os alunos tinham insegurança e medo, embora estivessem no espaço de aprendizagem. A partir dessa inquietação, Luiz Felipe focou em buscar formas de valorizar o processo de aprendizagem e começou a usar a Plataforma Padlet para montar com seus alunos um diário das aulas. Pela Plataforma, ele e seus alunos poderiam gravar pequenos áudios e escrever pequenos textos que poderiam ser revistos e revisitados por eles. Assim, na experiência de se ouvir e de se ler de novo, ele foi entendendo que os alunos tinham vergonha de errar, principalmente, suas pronúncias. Essa descoberta gerou uma reflexão sobre as imposições sociais e as desvantagens de se aprender com medos e com focos em limitações. Assim, seus alunos começaram a gostar do seu “diário”/aprendizado e perceber de maneira positiva e interessada seu próprio processo.

Essa experiência foi partilhada na Oficina e do mesmo modo que todos puderam experimentar uma nova forma de trabalhar com o Programa Power Point, todos puderam conhecer a atividade na Plataforma Padlet. Acima disso, o que ficou constatado nessas experiências foi a possibilidade de interações, percepções e afetividades no processo de ensino-aprendizagem por meio remoto. Esses dois relatos foram importantes para a Oficina e escolhidos para o artigo porque a partir dessas inquietações outros licenciandos ficaram muito estimulados a aprender e a usar com dinamismo as Plataformas digitais.

### **5.3 Como experiências se convergem em desenvolvimento quando arraigadas na Prática Exploratória? Episódios de emoções pandêmicas na organização de um simpósio latino-americano**

Em abril de 2021 ocorreu a primeira das reuniões entre professores para o *VIII Congresso Latino-americano de Formação de Professores de Línguas com o tema: Formação de Professores de Línguas em Tempos de Crises Sociais: Construindo Reexistências* - evento realizado em setembro de 2021 - e, proporcionando não só a organização para o GT, mas também a possibilidade de partilha constante. O primeiro marcante encontro para definição de proposta

de trabalho tinha por objetivo abrir espaços para a discussão sobre a formação docente e o ensino de línguas sob a perspectiva da PE (ALLWRIGHT, 2006, 2008), considerando o atual momento em que a educação sofre o efeito de discursos neoconservadores e em que o cenário socioeconômico impactado pela pandemia do Covid-19 afetam a qualidade de vida (GIEVE; MILLER, 2006), na tentativa de [re]construir entendimentos sobre os impactos nas práticas pedagógicas cotidianas de docentes e de discentes. Nesse sentido, tornaram-se urgentes temas relacionados à sustentabilidade, ao desenvolvimento mútuo e aos desafios do fazer da Prática Exploratória.

As outras reuniões aconteceram para organizar o GT que foi denominado *A sustentabilidade da Prática Exploratória na formação de professores: vozes, [re]existências e entendimentos*, partindo das experiências vividas nas universidades e nas escolas parceiras. O trabalho foi dividido em debates sobre Desafios, Sustentabilidade e Desenvolvimento mútuo. A partir desse episódio surgiu o tema **As instigações remotas para CLAFPL** – desenvolvido pelo grupo que contou com as professoras Gysele da S. Colombo Gomes, Beatriz dos Santos Damasceno e Monica Spitalnik; os alunos Ivana Freitas Juliaci, Victor Viana Deniz, Matheus Monteiro Avelino e Luiz Felipe Pinheiro dos Reis. ENSINAR E APRENDER: INSTIGAÇÕES REMOTAS como parte do GT *A sustentabilidade da Prática Exploratória na formação de professores: vozes, [re]existências e entendimentos*, foi o trabalho apresentado de forma online via plataforma Even3.

As reuniões de preparação do simpósio no CLAFPL trouxeram a possibilidade de professor e aluno descreverem suas práticas de trabalho em ensino remoto. Essas reuniões ocorreram pela plataforma Zoom e a RNP e por um grupo pelo WhatsApp.

### 5.3.1 Os temas discutidos

Indubitavelmente afeto e emoções constituem um eixo temático de grande relevância para a Linguística Aplicada. Tal eixo correlaciona-se

harmoniosamente com o eixo temático da formação de professores de línguas, que nos remete a situações que, frequentemente, surgem nas práticas rotineiras que tivemos no período da pandemia; tais como o ressurgimento das “guerras de letramentos” na educação, as necessárias novas práticas de ensino de língua e de recursos midiáticos, por meio das quais os autores compartilham suas experiências de sala de aula e estratégias transgressivas informadas por abordagens plurilíngues e afetivas.

Em nossa análise, pudemos observar uma reincidência de temas relacionados às emoções, em especial, às emoções negativas. No caso de Ivana e Victor, a ansiedade, o medo do desconhecido, a falta de esperança, a angústia e a saudade aparecem como temas principais nas referências ao período remoto. Foi no trabalho para entender que esses professores puderam contribuir para que seus alunos se sentissem capazes de continuar, pois puderam criar, dar e receber conforto e regular suas emoções. Ao produzirem seus microcontos, esses alunos trabalharam seu conhecimento pedagógico e trataram de questões pessoais, suas emoções.

No que se refere aos temas na experiência de Luiz Felipe, encontramos o medo do erro e das falhas, pois, nas atividades *no padlet*, nenhum aluno queria, inicialmente, manter seus dados gravados numa tentativa de apagar qualquer resquício de desempenho que julgassem ruim. O trabalho do professor em formação serviu para construir confiança e o entendimento de que o erro é parte do aprendizado.

A necessidade do prazer no aprender foi para Matheus e, em seguida para nós, professoras formadoras, uma mola propulsora. Percebemos juntos que um simples incremento na apresentação em *Power point* provocou emoções prazerosas e aproximou aprendentes e ensinantes. É em ocasiões como essa, em que professores aprendem com o aprendente, que o desenvolvimento mútuo proposto pela PE fica mais evidente. Para nós, professoras formadoras, o tema principal não é definido em uma única palavra, relaciona-se a instigar, a causar questionamentos, a motivar, a promover resiliência. Acima de tudo, vemos reincidentemente a necessidade de vozes múltiplas para sustentabilidade,

desenvolvimento, resiliência e resistência para conviver com o novo tempo remoto, nada abnóxico e que carece de esforços mútuos para nos mover adiante.

## **6. Entendimentos desencadeados**

Percebemos, nesse período, com mais evidência, a necessidade de reforçarmos a importância de trabalhar para união de todos, para entender a vida na sala de aula, para o desenvolvimento mútuo e para que o trabalho seja contínuo e não uma atividade dentro de um projeto.

Respondendo a primeira pergunta, “De que forma as emoções e os propiciamentos de nossa prática podem impactar a aprendizagem de nossos alunos durante a pandemia do COVID 19? Por quê?” como professoras que objetivam, nos nossos cursos de formação, a prática e a conscientização a respeito da importância dos vínculos afetivos e da valorização das emoções em todo o processo do aprendizado, percebemos que, diante do impacto da suspensão das aulas presenciais e da imposição do trabalho pelas plataformas digitais, nossos alunos foram instigados a potencializar as ferramentas tecnológicas na garantia da participação e envolvimento efetivo dos alunos. Afinal, mais do que antes, as emoções e as reflexões precisavam modular as interações na sala de aula. Assim, nasceu uma gamificação a partir do programa Power point, que permitiu que Matheus, mesmo à distância, interagisse com os alunos de maneira alegre e afetiva. Da mesma forma, o uso do Padlet, na construção da linha de progressão do aprendizado do inglês, permitiu ao jovem professor um trabalho de construção de conhecimento e uma proximidade com seus alunos que vai ao encontro de nossas convicções. O modo de estar em sala de aula, na busca pela qualidade de vida, propiciou posturas ousadas e corajosas que nos impactaram e nos fizeram aprendentes em nossa capacidade de superação. Além disso, a resiliência para repensar uma forma de não apagar a vida fora de sala de aula e trazer para dentro das paredes da escola questões que pudessem abarcar o conteúdo programático e o conhecimento local dos aprendizes foi crucial para que Ivana e Victor tivessem a oportunidade de praticar

a visão Freriana de solidariedade e salientassem o distanciamento que essa visão tem do assistencialismo.

Sobre a segunda questão de pesquisa, “Como a Prática Exploratória pode contribuir para o gerenciamento de emoções e a promoção de propiciamentos?”, podemos afirmar que durante o período pandêmico em nosso grupo os resultados das oportunidades de aprendizagem (ALLWRIGHT, 2003) orquestradas por nossas interações, como professoras formadoras, com os professores em formação foram uma forma de propiciamentos, por ajustarmos nosso agir para “contornar” empecilhos (o ensino remoto, a adversidade de lidar com novas formas de tecnologia, as emoções negativas que nos afligiam, etc.). Foi por meio de discussões em encontros que conseguimos pensar em possibilidades para evitar que o trabalho nos esgotasse, integrando-o à pesquisa sobre a sala de aula, envolvendo a todos e atribuindo responsabilidade sobre cada passo ou decisão tomada. Na realidade, algo com potencial para a ação sempre emergia quando interagíamos com nosso mundo físico e social. Acreditamos que as precondições para que o significado emergisse em nossas reuniões eram nossas ações, percepções e interpretação em um ciclo contínuo de reforço mútuo.

Em relação à aprendizagem num período pandêmico, os propiciamentos delimitaram como era a relação dos participantes do processo ensino aprendizagem e a forma como essa relação era entendida. Sob a luz da PE, os propiciamentos foram transportados para relações diversas, dentre elas a relação dos professores em formação com a aprendizagem nas oficinas e nas práticas nas escolas e nas aulas particulares. Fez sentido para nós, professoras formadoras, nos ajustarmos aos modelos de apresentações de *power point* que pareciam ser mais significativas para Matheus do que aquelas que produzíamos dentro de um padrão acadêmico. Entendemos por meio das vozes indiretas dos alunos de Luiz Felipe o desejo de apagar as falhas ou erros de sua aprendizagem, mas tivemos a oportunidade de demonstrar que as falhas ou erros passados podem ser características do que já foi superado. Sobre o resultado final de nossa reflexão sobre a relação entre linguagem e emoções a

partir das asserções dos professores em formação inicial ou continuada construídas nas reuniões do grupo de PE que se reunia para apresentação do CLAFPL 2021, vimos que nas paisagens das janelas que se contrapunham às emoções advindas da pandemia havia um ponto de esperança.

O primeiro entendimento que destacamos é o valor do trabalho provocativo e questionador dentro das Oficinas e do NEPPE, que motivou as instigações remotas e reações diante das intempéries vividas nos dois últimos anos; o segundo entendimento foi que o espaço escolar não se reduz ao espaço físico - o ambiente de aprendizado é envolvido por construções afetivas e não por construções de alvenarias. Conseguimos propiciar trocas e desenvolvimentos afetivos no ambiente exclusivamente *on line*. O terceiro e talvez o principal entendimento foi o de que realmente educamos para a alegria e a esperança. Educação ampla e livre é pautada na alegria e o que conjugamos, professoras e licenciandos, mesmo em tempos reclusos, tristes e sombrios da Covid 19, foi o verbo esperar. Como nos legou Paulo Freire, em sua Pedagogia da autonomia, nós "...podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. (...) A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica, sem a qual não haveria história, mas puro determinismo. Só há história onde há tempo problematizado e não pré-dado. (FREIRE, 2011, p.53)

Após o período mais crítico e marcante da pandemia, a luta pela educação de qualidade foi nosso modo de resistir, e a dedicação dos nossos licenciandos pela manutenção das relações afetivas com seus alunos ainda que por meio das plataformas digitais foi o antídoto contra as impossibilidades da convivência diária. Por fim, temos plena consciência do quanto perdemos nestes dois anos, do quanto precisaremos investir e lutar para garantir a educação num país tão, e agora ainda mais, desigual, mas estamos experimentando a nossa resiliência e a nossa crença de que é pela educação que se constrói uma sociedade melhor e mais justa.

## Referências

ALLWRIGHT, D. Epilogue. In: ALLWRIGHT, D.; BAILEY, K. *Focus on the language classroom: An introduction to classroom research for language teachers*, Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

ALLWRIGHT, D. Exploratory practice: Rethinking practitioner research in language teaching. *Language Teaching Research* 7(2), 113-141, 2003

ALLWRIGHT, D. From teaching points to learning opportunities and beyond. *TESOL Quarterly*, 39 (1), 2005.

ALLWRIGHT, D. HANKS, J. *The Developing Language Learner: An Introduction to Exploratory Practice*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 312 pages, ISBN 978-1403985323ijal\_268 423, 2009.

ARAGÃO, R. C. São as histórias que nos dizem mais: emoção, reflexão e ação na sala de aula. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BARCELOS, A. M. F. (2015). Unveiling the relationship between language learning beliefs, emotions and identities. *Studies in Second language learning and teaching*, (2), 301-325.

COLOMBO GOMES, G. da S.; MILLER, I. K. Paisagens em construção reflexiva na formação crítica de professores de língua inglesa: caminhos sinuosos entre ouvir, refletir e agir. In: SILVA, K. A. (org.). *Metodologia de Pesquisa em Linguística Aplicada*. [S. l.], Mercado de Letras, [20-?]. No prelo.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: *O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006. p. 15-42.

DOURADO, Maura; SPERB, Lúcia. **Auto-estima e aprendizagem de Línguas estrangeiras**. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, (39):81-94, Jan/Jun. 2002  
FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire, São Paulo, Paz e Terra, 2011. Formato: ePub Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions - Modo de acesso: World Wide Web. ISBN 978-85-7753-226-1(recurso eletrônico)

- GIBSON, J.J. (1986) *The Ecological Approach To Visual Perception*, Lawrence Erlbaum Associates, Hillsdale, NJ.
- GIEVE, MILLER, I. K. *Understanding the language classroom* (pp. 11-17). Hampshire, UK: Palgrave Macmillan, 2006.
- MATURANA, Humberto. Uma abordagem da Educação atual na perspectiva da Biologia do conhecimento. In: Maturana, H.  *Emoções e linguagem na educação e na política*, p. 1-35. Editora UFMG, 1998
- MILLER, Inés. Entrevista. *Prática Exploratória: a importância dos "porquês"*, 2007.
- MILLER, I. K. (2001). *Researching teacher-consultancy via Exploratory Practice: a reflexive and socio-interactional approach*. Unpublished PhD thesis, Lancaster University, UK.
- MILLER, I. K. *et. al.* (2013) *Prática Exploratória: questões e desafios*. In: GIL, G., ABRAHÃO, M. H. (2008 ). (Eds;) *A formação do professor de línguas: desafios do formador*. Campinas, SP: Pontes, pp. 145-165,
- MILLER, I.K. *et. al.* (2009). *The 'Web of Life' of the Rio de Janeiro Exploratory Practice Group*. In: Allwright, D.; J. Hanks, *The Developing Learner*. Hampshire, United Kingdom: Palgrave Macmillan, pp. 216-234.
- PAIVA, Vera L.M.O. **Propiciamento (affordance) e autonomia na aprendizagem de língua inglesa**. In: LIMA, Diógenes Cândido. *Aprendizagem de língua inglesa: histórias refletidas*. Vitória da Conquista: Edição UESB, 2010.
- SEVERINO, Antônio Joaquim, **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico] / Antônio Joaquim Severino. -- 1. ed. -- São Paulo: Cortez, 2015
- SO, D. (2005). *Emotion processes in second language acquisition*. In P. Benson & D. Nunan (Eds.), *Learners' stories: Difference and diversity in language learning* (pp. 42-55). Cambridge: Cambridge University Press.
- VAN LIER, **From Input to Affordance**, 2000.
- ZEMBYLAS, M. *Affect and the Rise of Right-Wing Populism: Pedagogies for the Renewal of Democratic Education*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.